

POLÍTICA



Eleitor vê início de campanha sem propostas

Pablo Pereira, Enio Vieira, Luis Eduardo Leal* e Patrícia Oliveira* de São Paulo e de Brasília

Fernando Henrique e Lula, os dois candidatos que lideram pesquisas, abrem oficialmente a disputa sem apresentar seus planos de governo definitivos

A campanha eleitoral para a presidência da República, que tem na reeleição sua marca histórica, foi aberta oficialmente ontem sem que os cerca de 105 milhões de eleitores que devem ir às urnas em 4 de outubro possam fazer suas escolhas baseadas em programas de governo. Os dois candidatos que lideram a disputa — o presidente Fernando

Henrique Cardoso e o líder oposicionista Luiz Inácio Lula da Silva — já atuam como caçadores de votos, programam viagens e comícios, mas ainda

Fernando Henrique começa a percorrer o País em campanha pelo estado no qual perdeu a eleição de 1994 para Lula

viajar nos fins de semana, começando pelo Rio Grande do Sul. Sem o programa de governo finalizado, Fernando Henrique começa a percorrer o País em busca de eleitor exatamente pelo estado no qual perdeu a eleição de 1994 para Lula. O programa a ser executado nos próximos quatro anos ainda está sendo

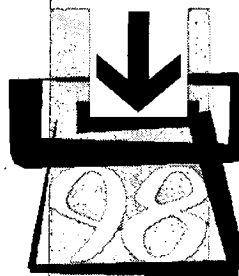
preparado no comitê sob o comando do economista Carlos Américo Pacheco, professor da Unicamp.

FHC vai defender a reeleição dia 18 no ginásio esportivo Gigantinho, em Porto Alegre. O Rio Grande do Sul apresenta os maiores índices de rejeição ao presidente. O evento está sendo organizado pelo governador licenciado Antônio Britto (PMDB). Scalco afirma que a campanha do presidente ficará reservada para as sextas-feiras e os sábados. A previ-

são de gastos é de R\$ 65 milhões, igual à da campanha passada, que acabou gastando apenas R\$ 33 milhões por ter sido decidida em um turno.

Na oposição, a situação é semelhante. Ontem, no primeiro dia do período de propaganda, Lula esboçou as 12 linhas gerais do seu programa. Mas nega-se a detalhar as propostas antes do fim da Copa do Mundo.

Ficaram de fora propostas do partido que criaram polêmicas nos últimos meses, como política cambial, tratamento das taxas de juros e a relação entre Executivo e Legislativo num eventual governo sem maioria parlamentar. Lula deixou de lado ainda assuntos como a privatização da Telebrás. E também prioriza o debate sobre questões sociais. Os coordenadores do plano de governo da aliança de esquerda alegam que o



texto da proposta ainda não está fechado, o que deverá ocorrer somente após a Copa. Mas, se o documento expõe somente 12 prioridades no estilo “menos polemista”, o candidato do PT à presidência da República preferiu o tom de parlance no lançamento oficial da candidatura. Não resistiu a fazer críticas ao governo Fernando Henrique.

“O presidente deveria viajar mais pelo País para conhecê-lo melhor. Ele prefere acreditar no mundo virtual que está em sua cabeça do que na nossa realidade. Foi o que aconteceu no caso da seca do Nordeste”, disse Lula, que reuniu ontem os líderes da coligação “Muda Brasil” depois de percorrer cidades próximas de Brasília.

Na mesma mesa, estavam o governador de Pernambuco, Miguel Arraes (PSB), e o presidente do PC

do B, João Amazonas. O candidato a vice, Leonel Brizola (PDT), optou pelo estilo cauteloso, deixando o bombardeio verbal para Lula.

A escolha de Brasília para o lançamento da campanha não foi gratuita. Segundo Lula, “a atual experiência administrativa do governador Cristóvam Buarque será o exemplo para o nosso governo”. Os petistas estão interessados nos programas de bolsa-escola, de agroindústria familiar e de saúde.

O documento “União do Povo - Diretrizes do Programa de Governo” destaca propostas de impacto social que vão da reforma agrária à habitação. Na área econômica, o partido sugere que sejam feitas “mudanças profundas nos organismos políticos e econômicos mundiais, sobretudo a ONU, o FMI e a OMC, combatendo o Acordo

Multilateral de Investimentos, atentatório à soberania nacional”.

“A política do FHC é a seguinte: vamos entregar tudo que nós temos agora porque senão o Brizola e aquele ‘barbudo’ (Lula) não vão nos deixar vender o Banco do Brasil e a Petrobras”, afirmou o petista, fazendo referência a uma suposta intenção do presidente Fernando Henrique Cardoso de privatizar as duas empresas.

O candidato do PT ressaltou que o capital estrangeiro será bem-vindo no caso de investimentos diretos. “Não vamos permitir que a globalização nos relegue o papel de gerir uma

economia subordinada que, sem dó nem piedade, multiplica o desemprego e a exclusão social. No meu governo vamos garantir os capitais produtivos que investirem para gerar novas riquezas no País, proporcionando os empregos que tanto necessitamos”, acrescentou.

* do InvestNews

“No meu governo vamos garantir os capitais produtivos que investirem para gerar novas riquezas no País”, diz o petista